

Interculturalidade e integração social em da sala de aula

Matheus Barbosa de Oliveira* (matheus.oliver2001@gmail.com) (IC), Maria Juliana de Freitas Almeida.

Universidade Estadual de Goiás- Câmpus Porangatu

Resumo: “Preconceito: Ideia preconcebida. Suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.(FERREIRA, 2001, p.551)”. Com base nos significados o presente trabalho visa salientar, como e por que esse preconceito persiste até a contemporaneidade, e quais as consequências deste em sala de aula na educação infanto/juvenil. Nesse aspecto, autores como Eduardo Rabenhorst (2001), Renísia Cristina Garcia (2007), Jocélio Teles dos Santos (1999), Luciana de Oliveira Dias Matos (2006) nos fornecem o referencial teórico capaz de alicerçar as afirmações deste projeto. A carência de informação leva-nos a alimentar sentimentos de aversão as diversas culturas, é por isso que buscaremos analisar de forma objetiva o papel do negro na sociedade, podendo assim esclarecer e estabelecer uma nova concepção com relação ao próximo.

Palavras-chave: História. Movimentos. Equidade. Cultura. Diversidade.

Introdução

A discrepância do conhecimento permutado na sociedade a respeito dos negros, a qual é reconhecida através da constante briga por equidade sem que a cor da pele interfira na dignidade humana de cada um, juntamente com a violência dirigida a eles, transformado em um movimento de grande envergadura pela defesa de seus direitos e de afirmação étnica-cultural, faz-se necessário uma abordagem de sua trajetória devido às poucas informações no contexto em que os sujeitos encontram-se inseridos.

Tais informações são, muitas vezes, esquecidas pelas mídias mais acessíveis, e/ou pelo simples fato de parte da população ser irredutivelmente ignorante a respeito, há uma naturalização do assunto, criando, mesmo que de forma imaginária, uma ideia de igualdade racial no Brasil, que vê como desnecessária a afirmação de nova cultura a destruição de sua tradicionalíssima normatividade com padrões completamente preconceituosos e discriminatórios, (RABENHORST, 2001).

Os reflexos desse conservadorismo faz-se presente na atualidade e atinge de forma significativa na educação familiar e escolar dos alunos. Quando se analisa esses respaldos nas atuais conjunturas da educação infanto/juvenil percebe-se o indispensável diálogo em sala de aula, que busque, de forma clara e sucinta, esclarecer as principais características das diferentes culturas que, na maioria das

vezes, são precocemente e simplórias estudadas na disciplina de História de forma superficial e romantizadas por um discurso político/preconceituoso. (RABENHORST, 2001).

A carência de informação, juntamente com o contexto histórico, permite que se construa um estranhamento, que não permite aceitar as diferenças do outro ou, até mesmo, de indivíduos do mesmo grupo familiar, começando assim a agredir com falácias infames, apelidos pejorativos, chegando, em alguns casos, a agressão física que resulta na morte de pessoas que lutam por tal equidade, (GARCIA, 2007).

Para situarmos as discussões, iniciaremos com uma análise da Revolta da Chibata, ocorrida nas primeiras décadas do século XX, quando o Brasil foi cenário de um grande movimento negro, que mesmo não sendo o primeiro movimento organizado em prol da igualdade racial, este se torna relevante por ser o momento em que os marinheiros negros reivindicaram e lutaram por seus direitos como cidadãos, visando melhores condições de trabalho e igualdade de tratamento, entre outros fins.

A Revolta da Chibata teve grande repercussão social na época levando a imprensa a começar a retratar em suas manchetes diárias sobre o protesto, pois antes disso o negro não tinha papel na imprensa, ou seja, não possuía representação social. Essas reportagens mostrou a população quais eram as reais condições de vida dos trabalhadores negros que viviam no Rio de Janeiro. Começa a se ver o quão exorbitante é a carga horária de trabalho dos negros, mais não apenas dos homens e sim também das mulheres negras que trabalham nas casas de famílias e que não possuem tempo para cuidar de suas próprias casas e filhos. (CARVALHO, 2012).

Como resultado após a grande repercussão social do movimento negro, é a criação de peças teatrais que visava apresentar a sociedade o preconceito que os negros sofriam, como eles eram vistos, quais eram as condições de trabalho ofertado a eles. Movimentos como estes viabilizaram a criação de políticas e leis que assegurassem os direitos dos negros e vieram proporcionar condições de afirmação da sua cultural.

O presente projeto visa proporcionar aos alunos um momento para a compreensão dos diferentes movimentos dos que buscam se afirmar culturalmente e

lutam pela igualdade em sociedade, mas focando na análise dos movimentos culturais firmados pelos negros na busca do seu direito, em condição de levar o aluno a viver melhor em variados ambientes seja ele escolar, familiar ou social, com respeito às diferenças, e reivindicando também seus direitos..

Material e Métodos

Durante o desenvolvimento do trabalho, contamos com o auxílio das diversas mídias de comunicação, como as telenovelas, minisséries, seriados, desenhos animados, telejornalismo e etc.; que retratam temáticas voltadas para acontecimentos cotidianos que enfatizam o tema em questão. A leitura de textos auxiliará no esclarecimento das dúvidas em relação às diversidades culturais e que proporcione melhor compreensão na análise dos vídeos e encaminhe a discussões que possibilitem a compreensão e fundamentação das diversas culturas e os movimentos sociais de minorias em busca de identidade e cidadania, e mais aqueles que forem pertinentes à realidade local, levando o aluno a entender a pluralidade cultural e as consequências dos atos discriminatórios.

Resultados e Discussão

A escola pública é espaço de convivência de todos os grupos sociais, gêneros, e grupos religiosos, o conhecimento dos direitos humanos e ética através da educação aprimora a tolerância o respeito e a boa convivência.

Outro grande problema que colabora para os estudos desse projeto é relacionado à educação para os negros (especifica-se aqui não como uma separação populacional, mas a partir das leituras e objetivos do trabalho), é que logo após a abolição da escravidão em 1888, a população negra não teve acesso a uma educação de qualidade onde pudesse concorrer como igual com a população branca, situação esta que reflete ainda nos dias atuais (CARVALHO, 2012), o que justifica a adoção por parte do governo das “ações afirmativas”, das quais se destaca a “Lei de Cotas”, ainda pouco compreendida por grande parcela de brasileiros.

A população negra hoje que possui educação superior basicamente encontra-se no campo da educação, atuando nas licenciaturas ou em áreas afins.

Reflexo do que foi citado acima que impossibilitou o negro de concorrer vagas em cursos como medicina, direito e outros campos como os das engenharias.

De início o negro não tinha lugar na sociedade e atualmente depois de tantas transformações no cenário cultural e político/ social as mídias ainda retratam os negros em dois extremos, ou ele é representado como pobre, ocupando cargos que eram vistos como inferiores, por exemplo: carpinteiro, motorista, serviços domésticos, ou como vitorioso por ser aquele que conseguiu enriquecer e obteve grande ascensão social, desvinculado de sua origem étnica, são os “negros de alma branca”, ou seja, que conseguiram o branqueamento via ascensão econômica.

Mas o negro ainda tem pouco espaço nos meios de comunicação digital, as telenovelas em sua maioria, sempre que busca representar o negro são em novelas conhecidas como “de época” que retrata um determinado período histórico que existe algum tipo de escravidão. No jornalismo brasileiro ainda é mínima a parcela de negros apresentando os jornais de grande audiência, e sempre que ganham um sucesso nas mídias sofrem represálias e insultos preconceituosos. Podemos destacar aqui o racismo sofrido pela jornalista Maria Julia Coutinho que apresenta a previsão do tempo no Jornal Nacional na rede globo de televisão que por possuir a pele negra foi vítima de preconceito nas redes sociais.

Considerações Finais

Mesmo com tantas propagandas contra o racismo na tv, nas redes sociais, jornais e revistas e as diversas mídias, o preconceito ainda está presente na sociedade, não apenas com os negros, mais com indígenas, mulheres, portadores de deficiência, étnico, cultural e religioso, o que torna importante levar essas discussões para dentro das escolas, local onde ainda pode ser possível transformar uma sociedade.

O projeto ainda está em desenvolvimento, mas preliminarmente pudemos perceber o entusiasmo de professores e coordenadores da escola para com a proposta, bem como o interesse dos alunos por discutirmos questões tão próximas de suas realidades.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** – 15º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRO, Rogério. **O negro sem cor no telejornalismo brasileiro.** In: BORGES, Roberto Carlos S.; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo.** Petrópolis – RJ: DP e Alii; Brasília – DF: ABPN, 2012. (p.64-83).

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira 1993-2005.** Brasília: INEP/MEC, 2007.

MATOS, Luciana de Oliveira Dias. **Ação afirmativa: superando desigualdades raciais no Brasil.** In: SILVA, Marilene da; GOMES, Uene José (Orgs.). **África, Afro descendência e Educação.** Goiânia: Ed. Da UCG, 2006.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **História da Cidadania.** – 6º ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

RABENHORST, Eduardo. **Dignidade Humana e Moralidade Democrática.** Brasília: Brasília Jurídica, 2001.

SANTOS, Jocélio Teles do. **Dilemas nada atuais das políticas para os afro-brasileiros – Ação afirmativa no Brasil dos anos 60.** In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Orgs.). **Brasil: um país de negros?.** Rio de Janeiro: Pallas, Salvador, BA; CEAO, 1999. (p.221-234).

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano.** – 1º ed. – São Paulo: Ática, 2014.